

“Ein Tisch ist ein Tisch”, de Peter Bichsel

Tradução de Pedro de Abreu Meyer Pires

“UMA MESA É UMA MESA”

QUERO FALAR DE UM HOMEM VELHO, de um homem que não diz mais nenhuma palavra, que tem um rosto muito cansado, cansado demais para sorrir e cansado demais para se zangar. Ele mora em uma cidade pequena, no fim da rua ou perto do cruzamento. Quase não vale a pena descrevê-lo, não há nada que o diferencie dos outros. Ele veste um chapéu cinza, calças cinza, uma jaqueta cinza e, no inverno, o longo casaco cinza e tem um pescoço fino, cuja pele é seca e enrugada, os colarinhos brancos das camisas lhe são largos demais.

No andar mais alto da casa ele tem um quarto, talvez ele tivesse sido casado e tido filhos, talvez ele morasse antigamente em outra cidade. Certamente ele já foi uma criança, mas isso foi em um tempo em que as crianças eram vestidas como adultos. Pode-se ver isso no álbum de retratos de sua avó. No seu quarto há duas cadeiras, uma mesa, um tapete, uma cama e um armário. Em cima de uma pequena mesinha está um despertador, do lado deste ficam velhos jornais e o álbum de retratos, e na parede estavam pendurados um espelho e um retrato.

O homem velho fazia todas as manhãs um passeio e todas as tardes um passeio, trocava algumas palavras com seu vizinho, e todas as noites ele se sentava à sua mesa.

Isso nunca mudou, também aos domingos era assim. E quando o homem se sentava à mesa, ouvia o tique-taque do despertador, sempre o tique-taque do despertador.

Então houve um dia especial, um dia com sol, não muito quente, não muito frio, com a cantoria de pássaros, com pessoas amigáveis, com crianças, que brincavam, e o especial foi que tudo de repente agradeu ao homem.

Ele sorriu.

“Agora tudo vai mudar”, ele pensou. Ele desabotoou o primeiro botão da camisa, tomou seu chapéu na mão, apressou seu passo, até mesmo gingou com os joelhos e se alegrou. Ele chegou à sua rua, acenou para as crianças, entrou na sua casa, subiu as escadas, pegou suas chaves no bolso e abriu seu quarto. Mas no quarto estava tudo do mesmo jeito, uma mesa, duas cadeiras, uma cama. E, ao se sentar, ele ouviu o tique-taque e toda a sua alegria foi embora, porque nada havia mudado.

Então o homem foi tomado por uma grande fúria.

Ele viu no espelho seu rosto ficando vermelho, viu como ele espremia seus olhos, então ele fechou suas mãos em punhos, levantou-as e bateu com elas no tampo da mesa, primeiro apenas uma pancada, depois outra, e depois começou a bater e gritar repetidamente:

“Isso tem que mudar, isso tem que mudar!”

E ele não ouviu mais o despertador. Suas mãos começaram a doer, sua voz fraquejou, e ele então ouviu o despertador novamente, e nada mudou.

“Sempre a mesma mesa”, disse o homem, “as mesmas cadeiras, a cama, o retrato. E para a mesa eu digo mesa, para o retrato eu digo retrato, a cama se chama cama, e a cadeira chamam de cadeira. Mas por quê?” Os franceses chamam a cama de “li”, a mesa de “table”, o retrato de “tablô” e a cadeira de “chéze”¹, e eles se entendem. E os chineses também se entendem. “Por que não chamar a cama de retrato”, pensou o homem e sorriu, então ele riu, e riu, até que o vizinho bateu na parede e gritou “quieto”.

“Agora tudo vai mudar”, ele disse, e chamou a partir de então a cama de “retrato”. “Estou cansado, vou deitar no retrato”, ele disse, e todas as manhãs ele costuma ficar bastante tempo deitado no retrato e pensou como ele queria chamar a cadeira, e ele chamou a cadeira de “despertador”.

Ele se levantou, se vestiu, se sentou no despertador e apoiou os braços na mesa. Mas a mesa agora não se chamava mais mesa, ela se chamava tapete. De manhã o homem saía do retrato, se vestia, sentava-se ao tapete no despertador e pensava, como ele poderia chamar as coisas.

A cama ele chamou de retrato.

A mesa ele chamou de tapete.

A cadeira ele chamou de despertador.
O jornal ele chamou de cama.
O espelho ele chamou de cadeira.
O despertador ele chamou de álbum de retratos.
O armário ele chamou de jornal.
O tapete ele chamou de armário.
O retrato ele chamou de mesa.
E o álbum de retratos ele chamou de espelho.

Desse modo: de manhã o velho homem ficava bastante tempo no retrato, às nove o álbum de retratos tocava, o homem se levantava e pisava no armário, para que seus pés não gelassem, depois ele pegava suas roupas no jornal, se vestia, olhava a cadeira na parede, se sentava no despertador ao tapete e abria o espelho, até encontrar a mesa de sua mãe.

O homem achou isso engraçado, e ele praticou o dia inteiro e memorizou as novas palavras. Agora tudo seria redefinido: ele não era mais homem, e sim um pé, e o pé era uma manhã e a manhã, um homem.

Agora vocês podem continuar escrevendo a história. E então podem, assim como o homem fez, também trocar as palavras:

tocar se chama pisar,
gelar se chama ver,
ficar se chama tocar,
levantar se chama gelar,
pisar se chama abrir.

Desse modo se dizia então: de homem o velho pé tocava bastante tempo no retrato, às nove pisava no álbum de retratos, o pé gelava e abria o armário, para que a manhã não visse.

O velho homem comprou para si cadernos escolares azuis e lotou-os de novas palavras, e então tinha muito o que fazer, e ele só era visto raramente na rua.

Então ele estudou novas denominações para todas as palavras e esqueceu cada vez mais as palavras certas. Ele tinha um novo idioma, que pertencia apenas a ele.

De vez em quando ele já sonhava no novo idioma, e então ele trazia canções da sua época de escola para o seu idioma, e ele as cantava

baixinho para si mesmo.

Mas em pouco tempo a tradução já era difícil para ele, ele havia praticamente esquecido seu idioma antigo, e ele precisava procurar as palavras certas nos seus cadernos azuis. E ele ficou com medo de falar com as pessoas. Ele precisava pensar bastante, como que as pessoas chamavam as coisas.

Seu retrato as pessoas chamam de cama.

Seu tapete as pessoas chamam de mesa.

Seu despertador as pessoas chamam de cadeira.

Sua cama as pessoas chamam de jornal.

Sua cadeira as pessoas chamam de espelho.

Seu álbum de retratos as pessoas chamam de despertador.

Seu jornal as pessoas chamam de armário.

Seu armário as pessoas chamam de tapete.

Sua mesa as pessoas chamam de retrato.

Seu espelho as pessoas chamam de álbum de retratos.

E isso chegou a tal ponto, que o homem ria, quando ele ouvia as pessoas conversarem. Ele ria, quando alguém dizia: “Você também vai amanhã no jogo de futebol?” ou quando alguém dizia: “Agora já está chovendo há dois meses” ou quando alguém dizia: “Eu tenho um tio na América.”

Ele ria, porque ele não entendia nada disso tudo. Mas esta não é uma história divertida. Ela começou triste e vai terminar triste. O homem velho com o casaco cinza não conseguia mais entender as pessoas, isso não era tão ruim. Muito pior era, que as pessoas não conseguiam mais entendê-lo.

E, portanto, ele não fala mais nada.

Ele se calou.

ICH WILL VON einem alten mann erzählen, von einem Mann, der kein Wort mehr sagt, ein müdes Gesicht hat, zu müd zum Lächeln und zu müd, um böse zu sein. Er wohnt in einer kleinen Stadt, am Ende der Straße oder nahe der Kreuzung. Es lohnt sich fast nicht, ihn zu beschreiben, kaum etwas unterscheidet ihn von andern. Er trägt einen grauen Hut, graue Hosen, einen grauen Rock und im Winter den langen grauen

Mantel, und er hat einen dünnen Hals, dessen Haut trocken und runzelig ist, die weißen Hemdkragen sind ihm viel zu weit.

Im obersten Stock des Hauses hat er sein Zimmer, vielleicht war er verheiratet und hatte Kinder, vielleicht wohnte er früher in einer anderen Stadt. Bestimmt war er einmal ein Kind, aber das war zu einer Zeit, wo die Kinder wie Erwachsene angezogen waren. Man sieht sie so im Fotoalbum der Großmutter. In seinem Zimmer sind zwei Stühle, ein Tisch, ein Teppich, ein Bett und ein Schrank. Auf einem kleinen Tisch steht ein Wecker, daneben liegen alte Zeitungen und das Fotoalbum, an der Wand hängen ein Spiegel und ein Bild.

Der alte Mann machte morgens einen Spaziergang und nachmittags einen Spaziergang, sprach ein paar Worte mit seinem Nachbarn, und abends saß er an seinem Tisch.

Das änderte sich nie, auch sonntags war das so. Und wenn der Mann am Tisch saß, hörte er den Wecker ticken, immer den Wecker ticken.

Dann gab es einmal einen besonderen Tag, einen Tag mit Sonne, nicht zu heiß, nicht zu kalt, mit Vogelgezwitzcher, mit freundlichen Leuten, mit Kindern, die spielten — und das Besondere war, daß das alles dem Mann plötzlich gefiel.

Er lächelte.

«Jetzt wird sich alles ändern», dachte er. Er öffnete den obersten Hemdknopf, nahm den Hut in die Hand, beschleunigte seinen Gang, wippte sogar beim Gehen in den Knien und freute sich. Er kam in seine Straße, nickte den Kindern zu, ging vor sein Haus, stieg die Treppe hoch, nahm die Schlüssel aus der Tasche und schloß sein Zimmer auf.

Aber im Zimmer war alles gleich, ein Tisch, zwei Stühle, ein Bett. Und wie er sich hinsetzte, hörte er wieder das Ticken, und alle Freude war vorbei, denn nichts hatte sich geändert.

Und den Mann überkam eine große Wut.

Er sah im Spiegel sein Gesicht rot anlaufen, sah, wie er die Augen zukniff; dann verkrampfte er seine Hände zu Fäusten, hob sie und schlug mit ihnen auf die Tischplatte, erst nur einen Schlag, dann noch einen, und dann begann er auf den Tisch zu trommeln und schrie dazu immer wieder:

«Es muß sich ändern, es muß sich ändern!»

Und er hörte den Wecker nicht mehr. Dann begannen seine Hände zu schmerzen, seine Stimme versagte, dann hörte er den Wecker wieder, und nichts änderte sich.

«Immer derselbe Tisch», sagte der Mann, «dieselben Stühle, das Bett, das Bild. Und dem Tisch sage ich Tisch, dem Bild sage ich Bild, das Bett heißt Bett, und den Stuhl nennt man Stuhl. Warum denn eigentlich?» Die Franzosen sagen dem Bett «li», dem Tisch «tabl», nennen das Bild «tablo» und den Stuhl «schäs», und sie verstehen sich. Und die Chinesen verstehen sich auch. «Weshalb heißt das Bett nicht Bild», dachte der Mann und lächelte, dann lachte er, lachte, bis die Nachbarn an die Wand klopfen und «Ruhe» riefen.

«Jetzt ändert es sich», rief er, und er sagte von nun an dem Bett «Bild».

«Ich bin müde, ich will ins Bild», sagte er, und morgens blieb er oft lange im Bild liegen und überlegte, wie er nun dem Stuhl sagen wolle, und er nannte den Stuhl «Wecker».

Er stand also auf, zog sich an, setzte sich auf den Wecker und stützte die Arme auf den Tisch. Aber der Tisch hieß jetzt nicht mehr Tisch, er hieß jetzt Teppich. Am Morgen verließ also der Mann das Bild, zog sich an, setzte sich an den Teppich auf den Wecker und überlegte, wem er wie sagen könnte.

Dem Bett sagte er Bild.

Dem Tisch sagte er Teppich.

Dem Stuhl sagte er Wecker.

Der Zeitung sagte er Bett.

Dem Spiegel sagte er Stuhl.

Dem Wecker sagte er Fotoalbum.

Dem Schrank sagte er Zeitung.

Dem Teppich sagte er Schrank.

Dem Bild sagte er Tisch.

Und dem Fotoalbum sagte er Spiegel.

Also: Am Morgen blieb der alte Mann lange im Bild liegen, um neun läutete das Fotoalbum, der Mann stand auf und stellte sich auf den Schrank, damit er nicht an die Füße fror, dann nahm er seine Kleider aus der Zeitung, zog sich an, schaute in den Stuhl an der Wand, setzte sich dann auf den Wecker an den Teppich und blätterte den Spiegel durch, bis er den Tisch seiner Mutter fand.

Der Mann fand das lustig, und er übte den ganzen Tag und prägte sich die neuen Wörter ein. Jetzt wurde alles umbenannt: Er war jetzt kein Mann mehr, sondern ein Fuß, und der Fuß war ein Morgen und der Morgen ein Mann.

Jetzt könnt ihr die Geschichte selbst weiterschreiben. Und dann könnt ihr, so wie es der Mann machte, auch die anderen Wörter austauschen:

*läuten heißt stellen,
frieren heißt schauen,
liegen heißt läuten,
stehen heißt frieren,
stellen heißt blättern.*

So daß es dann heißt: Am Mann blieb der alte Fuß lange im Bild läuten, um neun stellte das Fotoalbum, der Fuß froh auf und blätterte sich auf den Schrank, damit er nicht an die Morgen schaute.

Der alte Mann kaufte sich blaue Schulhefte und schrieb sie mit den neuen Wörtern voll, und er hatte viel zu tun damit, und man sah ihn nur noch selten auf der Straße.

Dann lernte er für alle Dinge die neuen Bezeichnungen und vergaß dabei mehr und mehr die richtigen. Er hatte jetzt eine neue Sprache, die ihm ganz allein gehörte.

Hie und da träumte er schon in der neuen Sprache, und dann übersetzte er die Lieder aus seiner Schulzeit in seine Sprache, und er sang sie leise vor sich hin.

Aber bald fiel ihm auch das Übersetzen schwer, er hatte seine alte Sprache fast vergessen, und er mußte die richtigen Wörter in seinen blauen Heften suchen. Und es machte ihm Angst, mit den Leuten zu sprechen. Er mußte lange nachdenken, wie die Leute zu den Dingen sagen.

Seinem Bild sagen die Leute Bett.

Seinem Teppich sagen die Leute Tisch.

Seinem Wecker sagen die Leute Stuhl.

Seinem Bert sagen die Leute Zeitung.

Seinem Stuhl sagen die Leute Spiegel.

Seinem Fotoalbum sagen die Leute Wecker.

Seiner Zeitung sagen die Leute Schrank.

Seinem Schrank sagen die Leute Teppich.

Seinem Tisch sagen die Leute Bild.

Seinem Spiegel sagen die Leute Fotoalbum.

Und es kam so weit, daß der Mann lachen mußte, wenn er die Leute reden hörte.

Er mußte lachen, wenn er hörte, wie jemand sagte: «Gehen Sie

morgen auch zum Fußballspiel?» Oder wenn jemand sagte: «Jetzt regnet es schon zwei Monate lang.» Oder wenn jemand sagte: «Ich habe einen Onkel in Amerika.»»

Er mußte lachen, weil er all das nicht verstand. Aber eine lustige Geschichte ist das nicht. Sie hat traurig angefangen und hört traurig auf. Der alte Mann im grauen Mantel konnte die Leute nicht mehr verstehen, das war nicht so schlimm. Viel schlimmer war, sie konnten ihn nicht mehr verstehen.

Und deshalb sagte er nichts mehr.

Er schwieg.

NOTA

1. [N. do T.] No texto original, o autor descreve as palavras como elas seriam pronunciadas em alemão. Essas palavras foram adaptadas da mesma maneira para o português.